

RACIONALIZAÇÃO DA FÉ: UMA PROPOSTA FEUERBACHIANA

Rationalization of faith: a Feuerbachian proposal

José Elenito Teixeira Morais*

Resumo

Este artigo procura contrastar o pensamento antropológico de Ludwig Feuerbach com algumas características da religiosidade atual. Condena algumas posturas e apoia outras e propõe a emancipação da consciência humana como abertura para um diálogo dentro da pós-modernidade. Para isso procurou-se entender o que significa racionalizar a fé, e como Feuerbach influenciou historicamente nesse processo. Depois foi feito contraste entre a filosofia de Feuerbach e fideísmo, fundamentalismo e diálogo inter-religioso, condenando os dois primeiros e valorizando o último, e culminando com a afirmação do humanismo dentro de uma sociedade laica.

PALAVRAS-CHAVE: Racionalização. Fé. Ludwig Feuerbach. Humanismo.

Abstract

This article seeks to contrast the anthropological thought of Ludwig Feuerbach with some features of religion today. Condemns certain postures and other supports and proposes the emancipation of human consciousness as an opening for dialogue within postmodernity. For this we tried to understand what it means to rationalize the faith, as Feuerbach historically influenced this process, after contrast was made between the philosophy of Feuerbach and fideism, fundamentalism and interreligious dialogue, condemning the first two and the last valuing and culminates with the affirmation of humanism in a secular society.

KEYWORDS: *Rationalization. Faith. Ludwig Feuerbach. Humanism.*

* Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, Belo Horizonte. Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ. E-mail: <joseelenito@yahoo.es>.

Introdução

Racionalizar a fé corresponde à faculdade de tornar inteligível racionalmente a crença. O próprio ato de fazer teologia já demonstra uma racionalização da fé. No cristianismo, já nos primórdios, houve essa tentativa de racionalização ao se deparar com o pensamento filosófico grego. Orígenes, na sua obra *Contra Celso*, já tentava justificar racionalmente a fé. Mais tarde, na Idade Média, Tomás de Aquino, em sua *Suma Teológica*, logrou o mesmo intento. Tomás de Aquino tentou clarificar o pensamento medieval, pois a universidade permitia aos aristotelistas do século XIII, e a Tomás de Aquino em primeiro lugar, fazer uma racionalização da fé, ao tornar coerente com o pensamento antigo (filosofia aristotélica) a doutrina cristã.¹

O fideísmo, como já foi afirmado anteriormente, é uma característica religiosa da atualidade. Tendo em vista essa realidade, é interessante observar a proposta de racionalização baseada na filosofia feuerbachiana. Para falar de fé, é preciso entender o que Feuerbach define como fé e esta definição ele busca em teólogos e religiosos cristãos, principalmente em Lutero, que é uma das pessoas mais citadas por Feuerbach. Eis o que ele afirma:

Os cristãos designam a faculdade teórica religiosa com a palavra fé. Religioso e crente são para eles expressões sinônimas, igualmente descrença e negação de Deus ou irreligião. Mas se pesquisarmos mais de perto o que significa essa palavra, não significa ela nada mais que imaginação. A ‘fé’, diz Lutero, a maior autoridade nesta matéria, o maior da fé dos alemães, o apóstolo Paulo alemão, como já foi chamado, a ‘fé’, diz ele em sua interpretação do Gênesis, ‘é em verdade onipotente... para o crente todas as coisas são possíveis porque a fé transforma o que não é nada numa existência e as coisas que são impossíveis em possíveis’. Mas essa onipotência da fé é apenas a onipotência da fantasia, da imaginação. Os símbolos da fé cristã são, pelo menos segundo Lutero, o batismo e a ceia. A matéria do batismo é a água, a matéria da ceia é pão e vinho, mas para a fé é a água natural do batismo uma água espiritual, como diz Lutero, o pão é a carne e o vinho é o sangue do Senhor, isto é, é a imaginação que transforma vinho em sangue e pão em carne. A fé crê em milagres, sim, a fé e a crença em milagres são inseparáveis; a fé não se prende às leis da natureza; a fé é livre, ilimitada; ela crê

¹ Cf. VILANOVA, 1987, p. 681.

que tudo é possível. ‘Pode alguma coisa ser impossível para Deus?’ Mas esse poder da fé ou de Deus que não se prende a nenhuma lei natural é exatamente o poder da imaginação, para a qual nada é impossível.²

A fé, com o seu modo próprio de explicar o mundo, tem implicações sérias para o ser humano. Ela está situada no mundo dos mistérios e muitas pessoas têm suas vidas direcionadas por ela. A fé é responsável por produzir sentido de vida ao resolver os mistérios da vida humana como origem e destino da humanidade. Um crítico da religião, o italiano Piergiorgio Odifreddi, faz uma objeção a esta realidade da fé ao questionar, no livro *Gênesis*, a clareza racional de seu autor e aceita, com base em Feuerbach, que é:

Mistério da fé, na *Crítica da Filosofia de Hegel*, de Ludwig Feuerbach, ele também propõe uma possível solução convincente: que um dos muitos erros do *Gênesis*, o mais preocupante, com consequências trágicas para a humanidade, foi uma inversão do sujeito e do objeto no versículo que diz: ‘Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança’, que deverá, em vez ler ‘o homem criou a Deus à Sua imagem e semelhança’.³

Os mistérios da fé são explicados por alguns autores e os motivos por que as pessoas creem são variados. Eles são basicamente fundamentados a partir de necessidades peculiares dos seres humanos e, nesse sentido, Odifreddi faz uma listagem com os principais motivos de crença de acordo com filósofos, psicanalistas e antropólogos:

Quanto aos motivos que podem induzir a pessoa a crer, não há nenhum limite à variedade de opiniões que têm sido propostas ao longo dos séculos: o desejo de ter uma garantia de valores morais (Platão, Kant), a necessidade de compreensão da Natureza (Epicuro), os sentimentos de medo, desespero e medo em relação à vida e morte

² Cf. FEUERBACH, 1989, p. 152.

³ Tradução livre do autor: “Misteri della fede, anche se nella *Crítica della filosofia hegeliana* Ludwig Feuerbach ha proposto una possibile e convincente soluzione: che uno dei molti errori del *Genesi*, il più tragicamente gravido di conseguenze per l’umanità, sia stata un’inversione tra soggetto e oggetto nel versetto “Dio creò l’uomo a sua immagine e somiglianza”, che andrebbe invece letto “l’uomo creò Dio a sua immagine e somiglianza”. (Cf. ODIFREDDI, 2007, p. 18)

(Hobbes, Hume, Voltaire), a consciência do infinito (Feuerbach), na esperança de apaziguar os supostos poderes superiores que regem a natureza (Frazer), a tentativa de lidar em situações padronizadas de uma crise existencial (Malinowski), a satisfação dos impulsos neuróticos e desejos reprimidos da infância (Freud), a concretização das ideias de perfeição, grandeza e superioridade (Adler), a atividade simbólica do inconsciente coletivo (Jung), a reação defensiva da natureza contra o poder disruptivo da inteligência (Bergson), a sensação de solidão no universo (Whitehead).⁴

São esses mistérios da fé que Ludwig Feuerbach tenta elucidar através da sua filosofia. A partir de uma leitura antropológica da fé, Feuerbach explica que as realidades religiosas, com as suas crenças, são criações da mente humana. Para entender o ser humano de modo mais preciso, é preciso aceitar esta realidade. A fé é, dessa maneira, uma atitude humana e por isso não pode ser vista como algo que lhe é imposto de fora de sua realidade humana. As afirmações teológicas que pontuam a fé como dom de Deus devem ser revisadas a partir desta nova realidade.

Partindo desse pressuposto de fé, busca-se uma racionalização desse conceito, afirmando o ser humano como produto da natureza e da ambiência em que está. Portanto não cabe aqui a crença num ser transcendental, mesmo que seja relacional. O que está em evidência é uma relação eu-tu, em que os seres humanos busquem acreditar uns nos outros e não mais uma relação homem-Deus. Porque o humanismo mediado por um Deus não ama o ser humano por si mesmo, mas sempre em obediência ao mandamento do Deus. O amar o próximo como a ti mesmo acontece mais como cumprimento ao mandamento divino do que como uma dedicação ao ser humano.

⁴ Tradução livre do autor: “Quanto ai motivi che possono spingere l’uomo a credere, non c’è limite alla varietà di opinioni che sono state proposte nel corso dei secoli: il desiderio di avere una garanzia dei valori morali (Platone, Kant), il bisogno di comprensione della natura (Epicuro), i sensi di timore, impotenza e paura nei confronti della vita e della morte (Hobbes, Hume, Voltaire), la coscienza dell’infinito (Feuerbach), la speranza di propiziarsi le supposte potenze superiori che presiedono alla natura (Frazer), il tentativo di fronteggiare in maniera standardizzata le situazioni di crisi esistenziale (Malinowski), la soddisfazione nevrotica di pulsioni e desideri infantili rimossi (Freud), la concretizzazione delle idee di perfezione, grandezza e superiorità (Adler), l’attivazione simbolica di archetipi collettivi (Jung), la reazione difensiva della natura contro il potere disgregatore dell’intelligenza (Bergson), il senso di solitudine dell’uomo nell’universo (Whitehead)”. (Cf. ODIFREDDI, 1999, p. 7).

A influência de Feuerbach na racionalização da fé

Os primeiros a serem influenciados pela filosofia de Feuerbach foram os participantes da esquerda hegeliana, principalmente Bruno Bauer, Karl Marx e Friedrich Engels. Estes dois últimos, ao escreverem o livro *Ludwig Feuerbach y el fin de la filosofía clásica alemana y otros escritos sobre Feuerbach*, afirmam que foram influenciados pelo livro de Feuerbach *A essência do cristianismo* e assim relatam: “O entusiasmo foi geral, ao ponto de todos nos tornarmos feuerbachianos”.⁵ Daí por diante, o materialismo marxista se apoiou na crítica feuerbachiana à religião para afirmar que esta alienava a sociedade da época.

Sigmund Freud possui estreita relação com o pensamento feuerbachiano que diz ser a religião um sonho da mente humana. Freud afirma a religião como patologia e ilusão, demonstrando nítida relação com Feuerbach. Sobre a religião, vendo esta como ilusão, já em 1927, Sigmund Freud declarava:

Avaliar o valor de verdade das doutrinas religiosas não se acha no escopo da presente investigação. Basta-nos que as tenhamos reconhecido como sendo, em sua natureza psicológica, ilusões. Contudo, não somos obrigados a ocultar o fato de que essa descoberta também influencia fortemente nossa atitude para com a questão que a muitos deve parecer a mais importante de todas. Sabemos aproximadamente em que períodos, e por que tipo de homens, as doutrinas religiosas foram criadas. Se, ademais, descobrirmos os motivos que conduziram a isso, nossa atitude para com o problema da religião experimentará um acentuado deslocamento. Dir-nos-emos que seria muito bom se existissem um Deus que tivesse criado o mundo, uma Providência benevolente, uma ordem moral no universo e uma vida posterior; constitui, porém, fato bastante notável que tudo isso seja exatamente como estamos fadados a desejar que seja. E seria ainda mais notável se nossos lamentáveis, ignorantes e espeznhados ancestrais tivessem conseguido solucionar todos esses difíceis enigmas do universo.⁶

Em busca de causas estruturais filosófico-teológicas, a proposta de Feuerbach afirma que o ser humano é criador de religião. Tal proposta foi

⁵ Tradução livre do autor: “El entusiasmo fue general: al punto todos nos convertimos en feuerbachianos.” (Cf. ENGELS; MARX, 2006, p. 17).

⁶ Cf. FREUD, 2006, p. 41-42.

iniciadora de uma vertente que “vê nessa fábrica de símbolos religiosos um processo de compensação do ser humano que projeta para fora de si, dando-lhe consistência de realidade, o que no fundo ele deseja ser, é e teme reconhecê-lo”.⁷ É necessário citar o que diz Libanio a respeito dessa vertente:

As experiências religiosas dão sentido à vida. Tornam-na mais palatável. Sem elas, tudo fica pesado. Daí o ser humano, para consolar-se, produzir deuses, religiões, ritos, a fim de viver melhor. No fundo, tudo são criaturas suas. Está aí a origem de ateísmos antigos de natureza projetiva, aos quais L. Feuerbach deu maior consistência teórica. Na esteira feuerbachiana, a psicanálise de cunho freudiano trabalha o discurso religioso como patologia. A sociologia marxista vê nele alienação. São explicações do fato. Mas o fato religioso continua persistente e desafiando essas teorias.⁸

A partir dessas informações, pode-se notar uma forte influência de Feuerbach no campo da teologia. O elemento antropológico de sua interpretação dos símbolos religiosos deixou marcas indeléveis na produção teológica posterior. Primeiro porque os teólogos se viram confrontados com tal interpretação da religião e segundo porque alguns teólogos fizeram uma adaptação da filosofia feuerbachiana. Assim explica Paulo Hahn:

[...] A interpretação da religião exposta por Feuerbach, principalmente na obra *A essência do cristianismo*, se converte no ponto crucial de toda crítica moderna da religião, tendo essa obra suscitado um enorme eco entre intelectuais europeus. A história da repercussão pode seguramente ser rastreada, através do marxismo e do existencialismo, até Bloch. O humanismo ateu de Feuerbach tem, inclusive, exercido uma certa influência na autocrítica da teologia contemporânea, Martin Buber, Karl Barth, Johann Baptist Metz, Jürgen Moltmann, Leonardo Boff e outros.⁹

Aqui não se pretende fazer análise do pensamento de cada teólogo ou filósofo acima citado, mas apenas apontar algumas conclusões de

⁷ Cf. LIBANIO, 2002, p. 79.

⁸ Cf. LIBANIO, 2002, p. 81.

⁹ Cf. HAHN, 2003, p. 76.

alguns deles. Assim Ernst Bloch,¹⁰ influenciado por Feuerbach, cita em sua obra *O princípio da esperança*: “A fé no além é a fé na liberdade da subjetividade em relação às barreiras da natureza e, conseqüentemente, a fé do homem em si mesmo”.¹¹

Outra influência de Feuerbach também é notada em Martin Buber.¹² A afirmação do Eu somente através do Tu foi o que mais influenciou Buber. De acordo com o tradutor e introdutor da obra de Buber, *Eu e Tu*, Newton Aquiles Von Zuben:

Ele afirmou com clareza a sua dívida para com Feuerbach quando diz que ele recebeu um impulso decisivo com relação ao sentido do Eu e do Tu e, de um modo geral, no que diz respeito à questão antropológica [...]. Talvez Feuerbach seja um dos autores mais citados na obra de Buber. Em suas próprias palavras, disse ele que recebeu, como já afirmamos, de Feuerbach, um impulso decisivo para a sua construção de sua filosofia do diálogo. Primordial no pensamento de Feuerbach sobre o conhecimento do homem é que ele considera este como o objeto mais importante da filosofia. Ele não vê o homem enquanto indivíduo, mas como a relação entre o eu e o tu.¹³

Em relação a Karl Barth, não se pode dizer que ele assumiu a posição feuerbachiana, mas foi influenciado na medida em que fez uma autocrítica da teologia. A sua teologia neo-ortodoxa é um reflexo da autocrítica dirigida principalmente à teologia liberal, na qual foi formado.

A redução antropológica foi o que mais influenciou Johann Baptist Metz¹⁴ em sua teologia. “Este dissolver-se da teologia na antropologia,

¹⁰ Ernst Bloch (1885-1977) foi um filósofo marxista alemão. Foi um dos principais filósofos alemães desde o início do século, influenciado por Hegel e Marx. A principal temática que perpassa a sua obra é a da Utopia que concebia como uma força revolucionária. Tendia a se aliar à tendência esquerdista do marxismo.

¹¹ Bloch apud Hahn. Cf. HAHN, 2003, p. 150.

¹² Martin Buber (1878-1965) foi filósofo, escritor e pedagogo, judeu de origem austríaca, e de inspiração sionista. O relacionamento, segundo o filósofo Martin Buber, acontece entre o Eu e o Tu, e denomina-se relacionamento Eu-Tu. A inter-relação, segundo Martin Buber, envolve o diálogo, o encontro e a responsabilidade entre dois sujeitos e/ou a relação que existe entre o sujeito e o objeto. Intersubjetividade é umas das áreas que envolve a vida do homem, e por isso precisa ser refletida e analisada pela filosofia, em especial pela Antropologia Filosófica.

¹³ Cf. BUBER, 2004, p. 23-25.

¹⁴ Johann Baptist Metz (1928) é um teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de

esta reabsorção de Deus no homem, esta relação intersubjetiva tornou-se o ponto da mudança antropológica na figura histórica da fé ante a consciência cristã”.¹⁵ Nesse sentido Hahn cita Metz:

Houve aí uma contribuição para descobrir em todo seu alcance teológico um elemento fundamental desta fé: a unidade original e indissolúvel do amor a Deus e ao seu irmão, a insistência no papel necessário e permanente do irmão como mediador em nossa relação com Deus.¹⁶

A emancipação humana e a realidade religiosa atual

A filosofia de Feuerbach fez uma crítica à Alemanha do século XIX, cuja fundamentação ideológica estava baseada na religião. Na atualidade, tal filosofia tem validade, levando em consideração que o fideísmo e o fundamentalismo aparecem como desafios à sociedade. Como já foi dito anteriormente, essas duas características atuais e negativas da religião alienam as pessoas que estão envolvidas com elas. A emancipação da consciência humana aparece nesse momento como uma possível solução para essa realidade. Nesse sentido, Polliana Pires do Carmo Alves pontua:

Portanto, nota-se que Feuerbach apresenta a estrutura fundamental de seu trabalho que é a reinterpretação do fenômeno religioso, transformando a teologia, que vê Deus como diverso do homem, em antropologia. Essa reinterpretação é a redução da essência divina em essência humana. Fugir desta realidade é pura ilusão, inverdade, sobretudo, alienação do homem. Assim, falar de Deus é falar em essência humana, antropologia.¹⁷

O fideísmo tem mergulhado as pessoas na noite escura, tornando a visão da realidade opaca. A luz da razão se faz necessária para

Karl Rahner, desfilou-se da teologia transcendental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. Ele é um dos teólogos alemães mais influentes no pós-Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor da atenção fundamental ao sofrimento de outros. As chaves de sua teologia são memória, solidariedade e narrativa.

¹⁵ Cf. HAHN, 2003, p. 148.

¹⁶ Metz apud Hahn. Cf. HAHN, 2003, p. 148-149.

¹⁷ Cf. ALVES, 2002, p. 57.

iluminar os caminhos trilhados pela humanidade na pós-modernidade. Reconhecer a humanidade da religião já é abertura para tal iluminação, possibilitando uma melhor leitura da realidade. De acordo com Alves, era este o propósito de Feuerbach:

Feuerbach sustenta que sempre se interessou em iluminar a obscura essência da religião, utilizando-se à luz da razão para mostrar aos homens o quanto eles são explorados; além de se deixarem ser envolvidos a ponto de se tornarem joguetes na mão de todos aqueles poderes inimigos da humanidade que, como sempre, servem-se da nebulosidade da religião para a opressão do homem.

O que se pretende criticar é a alienação dos pós-modernos fideístas em relação à realidade. A fé os manipula e os leva a não aceitar os fatos da razão. A proposta de Feuerbach pretende elucidar a realidade fideísta. Para isso a fé no transcendente precisa ser negada. E, completando esse raciocínio, José Antonio Mangoni relata:

Feuerbach tem uma visão muito negativa da fé e encontra para ela uma série de adjetivos que demonstram isso: a fé é imperativa, fechada, intolerante, pois considera como idolatria tudo o que está fora dela; a fé particulariza e limita o ser humano; retira-lhe a liberdade e a capacidade de valorizar devidamente o outro, diferente dele; a fé está presa em si mesma, distingue-se e atribui-se certos direitos; por sua essência a fé julga e condena. Ao comentar a fé cristã, Feuerbach segue o mesmo caminho. Para ele, a fé cristã chega a superar as diferenças racionais, mas não as de fé: ‘o amor cristão não superou o inferno porque não superou a fé’. A própria Bíblia condena pela fé, mas perdoa pelo amor, mas só conhece o amor fundado na fé. O autor vê o amor como fundamento, como essência, mas a fé oculta esta essência.¹⁸

Em relação ao fundamentalismo, a crítica permanece válida, pois, ao tentar separar o homem do mundo, o fundamentalismo nega ao ser humano a sua origem. A humanidade é produto da natureza, portanto deve ser entendida dentro dela. O homem, como sujeito histórico, deve ser entendido na sua integralidade com a natureza. É no mundo que se realiza a história humana, e a crítica que Feuerbach fez à religião de

¹⁸ Cf. MANGONI, 2000, p. 26-27.

sua época também pode ser feita ao fundamentalismo da atualidade. Entendendo o que Feuerbach criticava, Rodrigo Maciel Alkmin explica:

A religião cristã rompe, segundo Feuerbach, a legitimidade do elo entre homem e natureza, isto é, ‘Com o cristianismo perdeu o homem o sentimento, a capacidade de pensar-se dentro da natureza, do universo’ (EC, 173), uma vez que ‘A separação do mundo, da matéria, é portanto a meta essencial do cristão’ (EC, 202). A inabalável devoção religiosa segrega em seus domínios, por conseguinte, uma indisfarçável depreciação do cosmo: ‘A natureza, o mundo não tem nenhum valor, nenhum interesse para o cristão. O cristão só pensa em si, na salvação da sua alma, ou, o que dá na mesma, em Deus’ (EC, 331).¹⁹

O fundamentalismo assume uma postura dominadora sobre a comunidade de fé. Só é permitido pensar dentro da linha proposta por eles (os fundamentalistas), pois não há abertura para o diálogo, possibilidade de caminhar junto com o diferente. A exclusividade de sua fé leva-os a demonizar o diferente. Sobre um contexto que assume posições tão extremadas, com radicalismos da fé, é necessário verificar o que relata Nelso Stepanha a esse respeito:

Se radicalizarmos a fé, teremos fundamentalismos tirânicos e barbárie. Se radicalizarmos a razão e o amor, teremos a harmonia e a concórdia universal. Até os dias de hoje, em certas seitas fundamentalistas, é natural os pais mutilarem os órgãos genitais das próprias filhas pequenas para que elas não sintam prazer sexual quando adultas. Para a razão isso é um absurdo; para o amor é um terror; para a fé, não passa de um ato necessário. ‘A fé amaldiçoa: todas as ações, todas as intenções que contradizem o amor, a humanidade, a razão, correspondem à fé’ (EC 296), exclama hiperbolicamente Feuerbach.²⁰

“Certamente a fé torna o homem feliz, mas uma coisa é certa: ela não lhe inspira nenhuma intenção realmente moral”.²¹ Isso é demonstrado de forma clara no fundamentalismo, tanto no atual quanto no antigo, católico, que condenou hereges à fogueira. A fé, o dever religioso, se sobrepõe ao dever ético. Não se pretende aqui dizer que Kierkegaard

¹⁹ Cf. ALKMIN, 2003, p. 51.

²⁰ Cf. STEPANHA, 2006, p. 87.

²¹ Cf. FEUERBACH, 2007, p. 258.

foi um fundamentalista, mas ele já afirmava, na interpretação de Milene Costa dos Santos de Castro, que “o paradoxo da fé no indivíduo não é compatível com a moralidade descrita no geral”.²² Essa característica, consciente ou inconscientemente, foi assimilada pelo fundamentalismo contemporâneo que desafia a ética em prol de suas verdades religiosas.

Dentre as características religiosas da atualidade, destaque é dado para o diálogo inter-religioso, pois trabalha com uma proposta de paz para a humanidade. O relacionamento Eu-Tu, valorizado na filosofia feuerbachiana, é fortemente empregado no diálogo entre as religiões. Para Feuerbach “A verdadeira dialética não é um monólogo do pensador solitário consigo mesmo, é um diálogo entre o eu e o tu”.²³ Para confirmar esta realidade, eis o que relata o filósofo:

O homem singular por si não possui em si a essência do homem nem enquanto ser moral, nem enquanto ser pensante. A essência do homem está contida apenas na comunidade, na unidade do homem com o homem – uma unidade que, porém, se funda apenas na realidade da distinção do eu e do tu.²⁴

É dentro dessa comunidade que se relaciona que é encontrado o sentido das relações humanas. Na coletividade há uma desalienação da subjetividade para dar lugar à intersubjetividade (relacionamento entre subjetividades). Acontece uma quebra no orgulho quando se choca o saber do Eu com o Tu, para surgir a identidade do Eu, justamente no Tu. Aqui vale a máxima de que o outro é o meu limite.

Uma outra teologia que não foi citada acima, mas que tem importância fundamental na imanência humana, é a Teologia da Libertação. A sua práxis política, preocupada com a alienação e consequente libertação dos pobres, trouxe grande contribuição para a teologia. Ela herdou as características da modernidade, com seu pressuposto marxista. E sobre essa influência afirma Mardones:

Esta preocupação positiva com o ser humano, e a reivindicação da racionalidade instrumental, como resposta à sua dor, está realmente no seio da dinâmica da modernidade e constitui uma dimensão ética e prática que não podemos renunciar. Na linguagem da primeira

²² Cf. CASTRO, 2009, p. 74.

²³ Cf. FEUERBACH, 2008, p. 72.

²⁴ Cf. FEUERBACH, 2008, p. 72.

modernidade, diríamos que se trata de juntar a cura das almas com a cura dos corpos (hoje falaríamos de emancipação e libertação).²⁵

Por um humanismo racional pós-moderno

Levando em consideração que a pós-modernidade abre espaço para o diálogo entre os seres humanos, convém usar essa característica positiva e afirmar o humanismo como antídoto, ou mesmo como solução paliativa, para o fideísmo e fundamentalismo em que boa parte da população mundial está submetida. Buscar-se-á o diálogo com tais posições no intuito de entendê-las melhor.

O humanismo proposto por Feuerbach não ama o próximo buscando uma recompensa, mas é uma dedicação ao gênero humano, porque a essência do ser humano é forjada dentro desta humanidade. Dessa forma é negada a realidade divina, para afirmar logo em seguida o ser humano. Sai de cena o supranaturalismo para se estabelecer a imanência. A teologia, entendida enquanto antropologia, só será empregada dentro da experiência racional humana, justamente por ser estudo do homem esta respeita o seu limite, que é a razão, a vontade e o coração. Assim explica Sousa:

Segundo Feuerbach, embora estas não sejam perfeições que o homem tenha em plenitude, elas são as três perfeições essenciais absolutas, constituintes da essência absoluta do homem, e que devem ser compreendidas no sentido de forças constitutivas, elementos ou princípios que o animam e o determinam. Razão, vontade e amor são perfeições, forças, de que o indivíduo participa, como se fossem perfeições substancializadas ou universais e infinitas, constituintes do ser do homem. Tais qualidades são de tal maneira perfeitas, que têm em si mesmas o fim de seu ser e de sua existência e, assim, determinam o ser e o fim do homem, cuja ação, portanto, será sempre imanente.²⁶

²⁵ Tradução livre do autor: “Esta preocupación positiva por el ser humano, y la reivindicación de la racionalidad instrumental como respuesta a su dolor, está realmente en el fondo de la dinámica de la modernidad y constituye una dimensión ética y práctica a la que no podemos renunciar. Expresado en el lenguaje de la primera modernidad, diríamos que se trata de aunar la cura de las almas con la cura de los cuerpos (hoy hablaríamos de emancipación y liberación). (Cf. MARDONES, 1996, p. 217-218)

²⁶ Cf. SOUSA, 2009, p. 79-80.

É questionada a sofisticada cristã do Deus essencialmente sobrenatural para afirmar o humano enquanto gênero. Pretende-se que, com a união de forças, há de ser criada uma vida melhor, em que serão combatidas as injustiças e os males que tanto fazem sofrer a humanidade. Assim a humanidade precisa superar esse estágio transcendente e “a superação da alienação se torna fundamental para o homem, pois ela não constitui apenas uma ilusão inofensiva e sim algo nocivo que atua sobre a humanidade, matando o seu senso de verdade e virtude”.²⁷ Para isso deve ser substituído o amor a Deus pelo amor aos humanos, a fé em Deus pela fé no ser humano que tem capacidade. Enfim, o destino da humanidade não depende de um ser exterior a ela, mas sim dela própria.

A respeito da religião, o filósofo francês contemporâneo André Comte-Sponville, mesmo não explicitando, segue de perto a filosofia de Feuerbach e propõe um humanismo que não leve a religião em consideração, ou que não haja a opção de uma em detrimento de outra, ou seja, a laicidade tão característica da República. Assim, ele afirma:

Resumindo. Pode-se viver sem religião; mas não sem comunhão, nem sem fidelidade, sem amor. O que nos une, aqui, é mais importante do que o que nos separa. Paz para todos, crentes e não crentes. A vida é mais preciosa que a religião (é o que tira a razão dos inquisidores e dos carrascos); a comunhão, mais preciosa que as Igrejas (é o que tira a razão dos sectários); a fidelidade, mais preciosa que a fé ou que o ateísmo (é o que tira a razão tanto dos niilistas quanto dos fanáticos); enfim – é o que dá razão às pessoas de bem, crentes ou não – o amor é mais precioso do que a esperança ou do que o desespero.²⁸

Afinal de contas, o ser humano é um produto da natureza e por isso deve ser entendido dentro da imanência e não como um produto da transcendência, como tem sido até agora por parte da teologia. A humanidade vista a partir da imanência leva em consideração as suas limitações e enfatiza as potencialidades de desenvolvimento. O termo desenvolvimento aqui não deve ser visto no sentido econômico, como o progresso pregado pelo Iluminismo, mas antes, no sentido de potencial humano, em que a autorrealização humana seja considerada.

²⁷ Cf. STEPANHA, 2006, p. 8.

²⁸ Cf. COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 67.

Conclusão

Esse desenvolvimento humano só será possível se o ser humano estiver conectado à sua matriz genética, a natureza, juntamente com os seus congêneres. Tal humanismo admite dizer que “o homem se torna aquilo que é através da história do seu relacionamento com o ambiente que o cerca. Ele não é, portanto, um ser no mundo; ele se atua, se cria, se dá a luz com o mundo”.²⁹ Assim pode-se afirmar que “o homem não é nenhum ser sem necessidade, mas um organismo que pressupõe as determinações da natureza [...] exatamente porque cada produto da natureza, entre eles o homem, é completamente determinado pela sua própria natureza”.³⁰ O homem, ao aceitar-se como produto da natureza, deve protegê-la, pois é o seu habitat.

A discussão acerca da teologia de Feuerbach deverá trilhar esse caminho. Não é finalidade deste trabalho colocar um ponto final na discussão *fê* versus razão, visto que seria muita pretensão querer fazê-lo. Ademais o assunto é apenas tema de uma monografia e que tem por isso um espaço pequeno para que aconteça tal discussão.

Referências

- ALCKMIN, Rodrigo Maciel. *Feuerbach e Marx: da sensibilidade à atividade sensível*. 2003. 149 f. Dissertação (Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ALVES, Polliana Pires do Carmo. *O problema da alienação em Ludwig Feuerbach*. 2002. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2004.
- CASTRO, Milene Costa do Santos de. *Razão e fé: uma leitura da obra Temor e Tremor de Kierkegaard*. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

²⁹ Cf. HAHN, 2003, p. 153.

³⁰ Cf. SOUSA, 2009, p. 103.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Ludwig Feuerbach y el fin de la filosofía clásica alemana y otros escritos sobre Feuerbach*. Madrid: Fundación Federico Engels, 2006.

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *Necessidade de uma reforma da filosofia*. Covilhã: Lusosofia: Press, 2008.

_____. *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas: Papirus, 1989.

_____. *Princípios da filosofia do futuro*. Covilhã: Lusosofia: Press, 2008.

_____. *Teses provisórias para a reforma da filosofia*. Covilhã: Lusosofia: Press, 2008.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HAHN, Paulo. *Consciência e emancipação: uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MANGONI, José Antonio. *Violência e idolatria no cristianismo: uma leitura da invasão cristã europeia a partir da crítica da religião de Feuerbach e da concepção bíblica de Deus*. 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MARDONES, José María. *¿Adonde va la religión? Cristianismo y religiosidad en nuestro tiempo*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996.

ODIFREDDI, Piergiorgio. *Il Vangelo secondo la Scienza: Le religioni alla prova del nove*. Torino: Einaudi Tascabili, 1999.

SOUSA, André Luís Bonfim. *A relação homem-natureza: um paralelo entre Espinosa e Feuerbach*. 2009. 130f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

STEPANHA, Nelso. *Feuerbach e o processo da alienação*. 135 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

VILANOVA, Evangelista. *Historia de la teología cristiana*. Barcelona: Editorial Herder, 1987. Tomo 1.

Recebido: 01/03/2013

Avaliado: 06/03/2013